

Transplante de células já é arma contra diabetes

Realizado no Hospital Albert Einstein, procedimento ainda é experimental

RENATA CAFARDO

Médicos e pesquisadores brasileiros anunciaram ontem a realização do primeiro transplante de células do pâncreas no País. O procedimento, apesar de ainda experimental, é encarado como uma hipótese de cura para pacientes diabéticos. As células são as responsáveis pela produção de insulina, deficiente em quem sofre de diabetes. O transplante foi realizado na segunda-feira e a paciente já teve alta do hospital.

O que mais impressiona é a simplicidade do procedimento, que dura cerca de 35 minutos. Com uma injeção, as células – cujo agrupamento é conhecido como ilhotas de Langerhans – são direcionadas para o fígado do paciente. Segundo o coordenador do projeto, o endocrinologista Freddy Goldberg Eliaschewitz, mesmo sendo originárias do pâncreas, as células transplantadas se adaptam ao fígado e passam a produzir insulina.

O trabalho maior, no entanto, ocorre há mais de cinco anos no laboratório do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP). É lá que 12 pesquisadores aprimoraram o trabalho de isolamento das ilhotas, provenientes de pâncreas de cadáveres. “O importante é que esse procedimento conseguiu estabelecer a ponte entre a pesquisa e a clínica médica”, diz Eliaschewitz. As pesquisas têm principalmente o apoio da Fapesp.

O transplante foi realizado no Hospital Israelita Albert Einstein, que bancou essa etapa do projeto. Apenas pouco mais de 100 procedimentos semelhantes já foram feitos em todo o mundo. Os médicos são cautelosos em dizer que esta foi a apenas a pri-

meira fase do procedimento, que não permite ainda declarar o sucesso do procedimento. “Injetamos a primeira dose das ilhotas, ou seja, um terço do que ela precisa. Depois de dois meses, se tudo correr bem, faremos a segunda.”

Alegria – Mesmo assim, Telma Mércia Rosário de Almeida já reduziu em um terço as injeções de insulina diárias. A administradora de empresas, desde que soube dos experimentos para o transplante de ilhotas, sonhava em ser a primeira paciente. “Minha vida agora é uma alegria. Eu vivia na cama, não tinha disposição para nada”, conta a baiana, de 45 anos, que desde os 19 sofre de diabetes tipo 1.

No último ano, ela já não podia mais trabalhar e tinha crises de hipoglicemia súbitas e desapercibidas, que já a levaram ao estado de coma. “Durante a noite, eu acordava de duas em duas horas para medir a taxa de glicose, com medo de ter uma crise enquanto dormia.”

É importante salientar que a experiência é indicada apenas para pacientes cuja diabetes é uma ameaça iminente à vida. Isso porque, como em qualquer transplante, é preciso tomar drogas imunos-

supressoras, que impedem a rejeição das novas estruturas, mas têm sérios efeitos colaterais. Segundo Eliaschewitz, ainda não é possível saber quando a técnica será testada em outro paciente. “É o primeiro passo de uma longa estrada”, diz o coordenador de pesquisa do Einstein, Carlos Alberto Moreira.

Pesquisas – Além do isolamento, o laboratório na USP pesquisa ainda uma maneira de encapsular as ilhotas para que elas não sofram rejeição quando transplantadas. Sem o risco dos imunossuppressores, o procedimento poderia ser feito em um número maior de pacientes diabéticos.

**PACIENTE
RECEBEU
ALTA
MÉDICA**

TRANSPLANTE DE ILHOTAS

1 – Pâncreas, onde estão as ilhotas de Langerhans, é retirado de um cadáver

Pâncreas

2 – Ilhotas são separadas e passam por um processo de isolamento e purificação em laboratório

Ilhotas

3 – Ilhotas são injetadas na veia porta que as leva direto para o fígado do diabético, onde passam a produzir insulina

Fígado